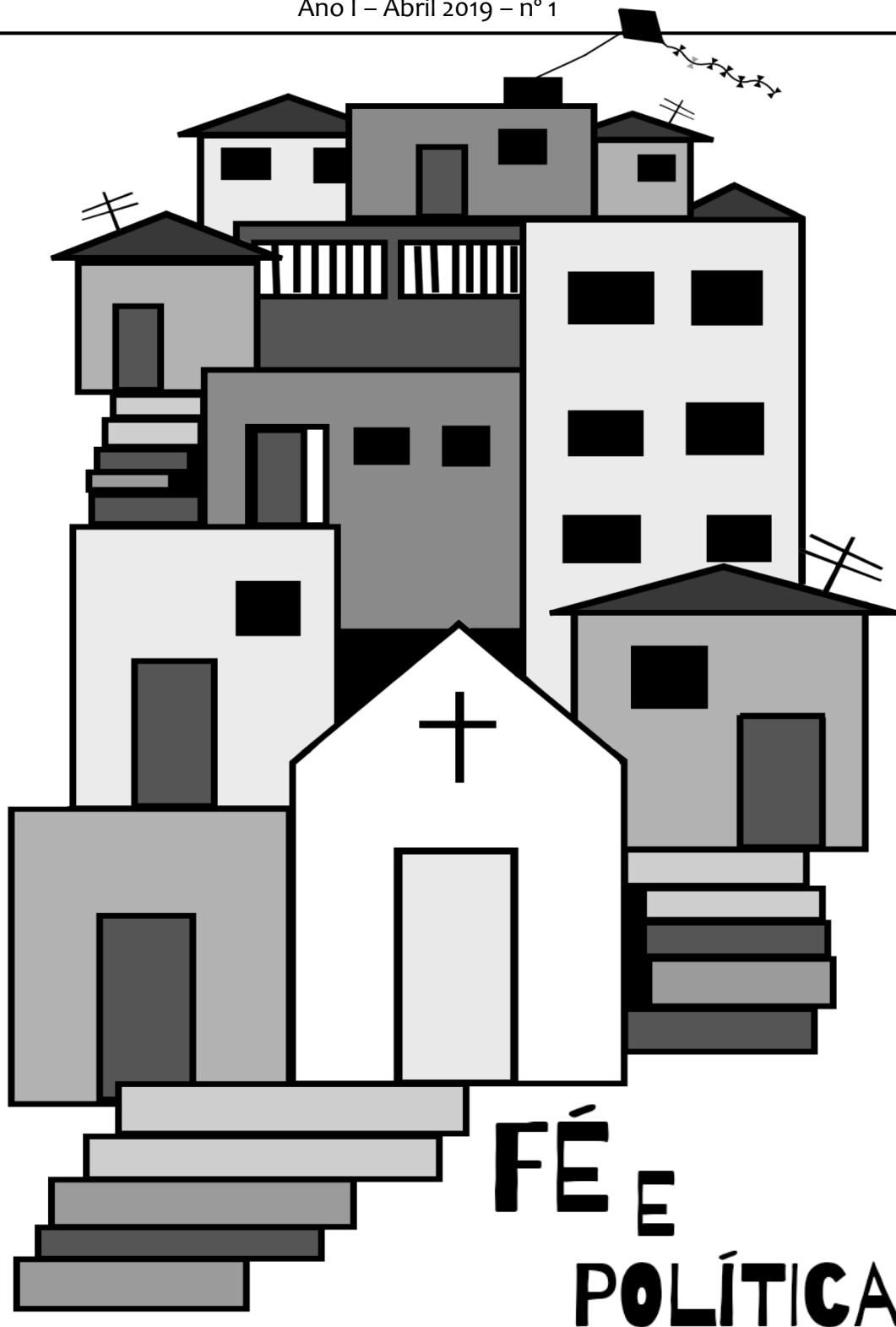


REFORMA

Ano I – Abril 2019 – nº 1



Editorial

Há algum tempo temos percebido a necessidade de uma publicação periódica que seja um lugar de encontro de cristãos - em especial protestantes e evangélicos -, que estão dispostos a pensar e a viver a Igreja na sociedade contemporânea, sem fugir dos desafios impostos por ela.

Muitas dessas pessoas têm saído de suas igrejas de origem em busca de uma espiritualidade madura e que seja verdadeiramente comprometida com a implantação dos valores do Reino de Deus (justiça, amor, liberdade, igualdade...), hoje, aqui e agora!

REFORMATA surge com o objetivo de se tornar uma marca histórica do diálogo entre Igreja e sociedade. Não a toa optamos por fazer o nosso protótipo em torno do tema "Fé e Política".

Com os textos inéditos *Religião e Política em Amós de Técuá, Calvino e os aspectos sociais, Richard Shaull: por um avivamento da memória*, e uma entrevista sobre a CESE – *Coordenadoria Ecumênica de Serviço*, esperamos lançar alguma luz sobre o tema.

Soli Deo Gloria.

REFORMATA pergunta!

Considerando que *Política* é "tudo o que se refere a cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil e público e até mesmo sociável e social..." (Norberto Bobbio, Dicionário de Política), **como a Igreja pode se envolver com a política, a partir da sua vocação profética, sem se corromper com a má política?**

"O credo cristão tem como uma de suas conseqüências o impacto social e político. A igreja, inclusive, em alguns aspectos possui ferramentas sociais mais eficientes que o próprio Estado. Porém, quando a igreja para de influenciar e impactar a sociedade e começa a levantar bandeiras partidárias ou de movimentos afins a ponto de substituir/misturar com a relevância da cruz, creio que começa a ser danoso."

Guilherme Prado/ES
Igreja Presbiteriana Unida (IPU)

"A participação necessária e desejável da igreja na política deve ser pautada pelo inarredável compromisso com os pobres da terra, os despossuídos e marginalizados e com a denúncia das estruturas que geram e mantêm a exploração, bem como denunciar e militar contra qualquer ameaça à democracia."

Jason Simões/CE
Sem Igreja

"Como o próprio enunciado diz, é papel da Igreja ser voz profética no local que está inserida, denunciando a opressão, o extermínio de pessoas e da natureza, e anunciando que o Reino começa aqui e agora. A igreja não deve se associar aos poderosos para explorar o povo ou fazer valer sua verdade, como no passado, nem agir como se vivesse apenas no plano espiritual, sem responsabilidade com o mundo. Anunciamos a Verdade que liberta, que traz paz e amor para a vida do povo também no tempo de hoje."

Priscila Cabral/ES
Igreja Presbiteriana Unida (IPU)

"Fazendo o que Jesus fez em sua época. Estando junto com o povo que sofre."

Nelson Aguiar/ES
Igreja Anglicana

REFORMATA

Editor Responsável
Guilherme de Freitas Silva

Equipe de Trabalho
Guilherme de Freitas Silva
Felipe Cavalcante Costa

Capa e Diagramação
Guilherme de Freitas Silva

Logo
Felipe Cavalcante Costa

Tiragem: 100 exemplares

Contato: reformata@outlook.com

Versão online: bit.ly/reformata

Produção Independente

TEOLOGIA EM VERSOS

SALMO 1

Não dá para eu ser feliz
assentado à Mesa
com quem, em nome da moral,
pratica a exclusão e
desfavorece o excluído.

Encontro prazer
entre as pessoas
que meditam
e buscam na Vida,
- a Escritura Santa -,
inspiração para promover
a Justiça,
a Gratuidade
e a Esperança.
Ali eu me removo.

Eu me sinto como
uma árvore frondosa,
- um pé de ingá -,
regada por vários rios:
Cantoria, Amizade e Refeição.

É como se eu estivesse
em uma Casa Acolhedora:
sem portas,
só janelas escancaradas,

com cozinha e quintal,
caféquentinho
e o aroma das rosas das manhãs.

Não é o caso dos
consumidores de religião:
os seus amigos são comprados,
suas vidas são vazias.
Eles são dispersos pelo vento
e não formam comunidade.

As suas festas são "high society":
etiqueta,
formalismo
e superficialidade.
Deus não está na casa deles.
Na casa deles só há ídolo.

Mas Deus faz festa
e brinca de roda
com aqueles que amam a Vida,
porém, se entristece
com aqueles que esqueceram
a beleza da dança.

Cláudio da Chaga Soares é mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, pastor presbiteriano e membro da Secretaria Teológica da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU).



Acervo virtual com a produção de
teólogos/as da IPU: artigos, estudos,
dissertações, livros, jornais
e demais publicações.



teologiaipu.wordpress.com

IGREJA E JESUS AO LONGO DOS ANOS @nakedpastor



Religião e Política em Amós de Técuá

*“Deus me chamou detrás do boi
Deus me tirou detrás da boiada
para ser seu profeta
para profetizar
para a minha nação
(ê boi!)”*

(Toada de Amós, Daniel do Amaral)

Segundo o Pronunciamento Social da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), compete às suas igrejas membro “clamar contra a injustiça, a opressão e a corrupção, e tomar iniciativa de esforço para aliviar os sofrimentos dos infelicitados por uma ordem social iníqua” e “incentivar seus membros a assumirem uma cidadania responsável, como testemunhas de Cristo, nos sindicatos, nos partidos políticos, nos diretórios acadêmicos, nas fábricas, nos escritórios, nas cátedras, nas eleições e nos corpos administrativos, legislativos e judiciários do País”. Este pronunciamento foi cunhado pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) em 1962. Ele é fruto da reflexão teológica iniciada pelo Reverendo Richard Shaull e que culminou na Conferência do Nordeste que teve por título “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. O trabalho de Shaull influenciou diretamente no Pronunciamento Social que a IPU assumiu em 1978, ano de sua fundação.

A denúncia profética contida na primeira sentença do Pronunciamento Social supracitada tem origem nos profetas do Antigo Testamento. O movimento profético veterotestamentário é marcado pela denúncia dos problemas sociais causados pela desigualdade, corrupção, individualismo e pela perversão dos mandamentos de Javé. O incentivo de participar da vida social em “sindicatos”, “partidos políticos, etc., tem base nas palavras de Jesus Cristo que nos confiou dar continuidade ao plantio do Reino de Deus, inaugurado por Ele (Mt 4.17; Lc 4.21) e continuado pela Igreja (Lc 22.29; Jo 15.5).

Mas como nos envolver com essas entidades políticas e sociais, quando a realidade política brasileira é marcada pela corrupção, pelo descaso com a máquina pública, com o aparelhamento do Estado brasileiro? Em outras palavras, *deve o cristão se envolver com a política?*

Segundo o Bobbio (2007) a palavra “política” é derivada do adjetivo originado de “pólis”

(*politikós*), que significa “tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social”. Sendo assim, podemos dizer que a própria Igreja é um ente sócio-político, pois está inserida na “pólis”, isto é, na cidade, e dela faz parte. Logo, é impossível que os problemas da cidade não afetem a Igreja. Por conseguinte, as ações da Igreja devem visar a cidade e seus cidadãos. Portanto, a Igreja é um ser político e precisa se envolver com os arranjos políticos.

Mas como seria esse envolvimento? A resposta mais “protestante” possível seria exatamente esta: envolvimento tal qual o movimento profético bíblico. Segundo Fohrer (2006) “a intenção dos profetas não era predizer o futuro distante, mas exercer influência e moldar a realidade de sua época presente.”. O profeta Amós talvez seja o melhor personagem para analisarmos, tendo em vista que sua história consegue falar tanto aos vocacionados ministeriais quanto aos leigos de nossas igrejas.

Amós era pastor e agricultor em Técuá, cidade próxima a Judá. Ele não pertencia ao grupo de profetas tradicionais quando foi chamado por Javé para profetizar a Israel. Sua denúncia deu-se contra o governo de Jeroboão II (783-743), tempo o qual o reino de Israel experimentou grande ascensão econômica. Porém, também foi um tempo marcado pela extrema desigualdade social, corrupção dos juízes e ausência de uma verdadeira espiritualidade cúlta a Javé.

O profeta denuncia de forma condenatória a vida corrupta das cidades, as injustiças sociais cometidas pela aristocracia israelita, o luxo vivido por poucos e a falsa segurança criada nos espaços religiosos. A vingança de Deus contra seu povo, o “Dia do Senhor”, será terrível para eles, anuncia Amós. Embora não seja citado, o instrumento de correção de Javé é o povo Assírio que estava no horizonte do profeta.

Note-se que todas as oferendas mencionadas em Amós 5.21-23 consistem de bens comestíveis. Os peregrinos passavam o tempo em farras, comendo e bebendo em excesso, em hora da divindade! A isto chamavam de “banquete sagrado” (BONORA, 1983). O culto a Javé torna-se ocasião para se entregarem a grosseiras orgias gastronômicas. A liturgia é pervertida em banquete barulhento com

ostentação de luxo, comilança, música e cantos. O país está desmantelado, mas os ricos não prestam atenção a isto. A religião é para eles um anestésico, uma droga eficaz que acalma sua consciência.

A participação de Amós em sua denúncia não é apenas religiosa, mas também política. Embora o profeta pastor e colhedor de sicômoros (Am 7.14) denuncie a falsa religião de maneira enfática, sua preocupação é com a vida social predatória sobre os mais pobres que, naquele momento, tinham seu direito negado por juízes corruptos que os vendiam “por um par de sandálias” (Am 2.6), além dos casos de exploração sexual despudorada das mulheres escravizadas (Am 2.7).

É denúncia política também porque na série de visões que o profeta Amós teve sobre a destruição que Deus traria sobre o povo, Amós clama pelos pobres da terra: “Senhor Javé, perdoa, eu te peço! Como poderá Jacó subsistir? Ele é tão pequeno!” (Am 7.2). Contudo, o profeta se cala quando a visão era contra a casa de Jeroboão. Ao escolher clamar pelo direito dos menos favorecidos e se calar quando a sentença é contra as altas classes sociais, Amós faz uma escolha política.

O clímax de nossa análise sobre Amós está em seu encontro com o profeta estatal Amazias. “Amós conspira contra ti [Jeroboão], no seio da casa de Israel: a terra não pode mais suportar todas as suas palavras” (Am 7.10). O profeta do rei se dirige a Amós e manda que ele volte para sua terra para lá ganhar seu dinheiro – profetizando.

Na resposta de Amós a Amazias compreendemos sua dimensão religiosa e política. “Não sou profeta”, afirma. E segue dizendo que ele não fazia parte da tradição profética, mas que era sim um homem do povo. Homem cansado de ver as injustiças acontecendo e as pessoas que deveriam representar o povo de Deus na terra, agir como aquele povo agira. “Foi Deus que me tirou de trás do boi”; “Um leão rugiu, quem não temerá? O Senhor Javé falou, quem não profetizará?”.

Trazendo a fala do profeta do século VIII a.C. para nossos dias poderíamos dizer que Amós não era teólogo, pastor, diácono, presbítero ou missionário da Igreja. Contudo, seu compromisso com Javé o impulsionou a denunciar os problemas da sociedade que o cercava. A voz de Deus que vibrava em seu peito o mobilizou a agir de maneira profética denunciando a maldade que se fazia contra os pobres de Israel com a anuência da religião.

Contudo, há muitos cristãos que repudiam o envolvimento de membros das igrejas, leigos ou pastores, nas questões políticas. Fragmentos bíblicos descontextualizados são utilizados para respaldar tal pensamento, ignorando séculos de tradição profética. Textos como “meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36), do Evangelho segundo João, foi, e ainda é, muito utilizado para respaldar o falso discurso de que o cristão não deve se envolver com a política.

Somado a essa interpretação pobre do texto, há ainda o inegável aspecto negativo dos movimentos políticos brasileiros, muitos envolvidos em casos de corrupção que atemoriza muitos cristãos a se envolver politicamente nos espaços públicos. Embora a interpretação do texto citado e a percepção da política brasileira seja muito comum em nossos dias, nem sempre foi assim.

Há em nossa tradição presbiteriana um forte engajamento político. Homens e mulheres se envolveram na luta pela construção de um Brasil melhor. De jovens como Billy Gammon, brutalmente assassinada pela Ditadura Civil-Militar, a pastores como Rubem Alves, que precisou fugir do país para não morrer pelos mesmos motivos que Billy Gammon. Dizer que a política não é espaço de atuação para o cristão é também negar nossa história recente.

Como presbiterianos unidos, o cântico do Reverendo João Dias de Araújo deve sempre fazer parte de nossas orações: “O que estou fazendo se sou cristão?”. Essa pergunta profética precisa nortear nossa espiritualidade e práxis cristã. Ao contrário, estaremos negando mais de três mil anos de atividade profética.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Norberto. et al. (Org.) *Dicionário de política*. Brasília: Editora UnB, 2007. 2v., p. 954.
- FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Santo André, Academia Cristã, 2006, p. 334.
- BONORA, Antonio. *Amós, o profeta da justiça*. São Paulo: São Paulo, Paulinas, 1983, p. 39-43.

Felipe Cavalcante da Costa é pastor adjunto na Segunda Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Bacharel em Teologia e licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Calvino e os aspectos sociais

Falar sobre as contribuições do reformador João Calvino (1509-1564) é, a meu ver, algo profundamente desafiador. O principal desafio consiste em tentar descolar a figura de Calvino, que foi um pastor protestante profundamente empenhado na reestruturação social e religiosa de Genebra, do Calvinismo, que é uma sistematização racionalista e absolutista da obra de Calvino e que na prática acabou se tornando algo contrário ao espírito piedoso do reformador de ir constantemente às Escrituras em busca de respostas para os desafios contemporâneos. Geralmente os extremismos (de amor e ódio) que Calvino suscita, estão muito mais relacionados à compreensão que as pessoas têm do Calvinismo histórico, do que à sua teologia propriamente dita.

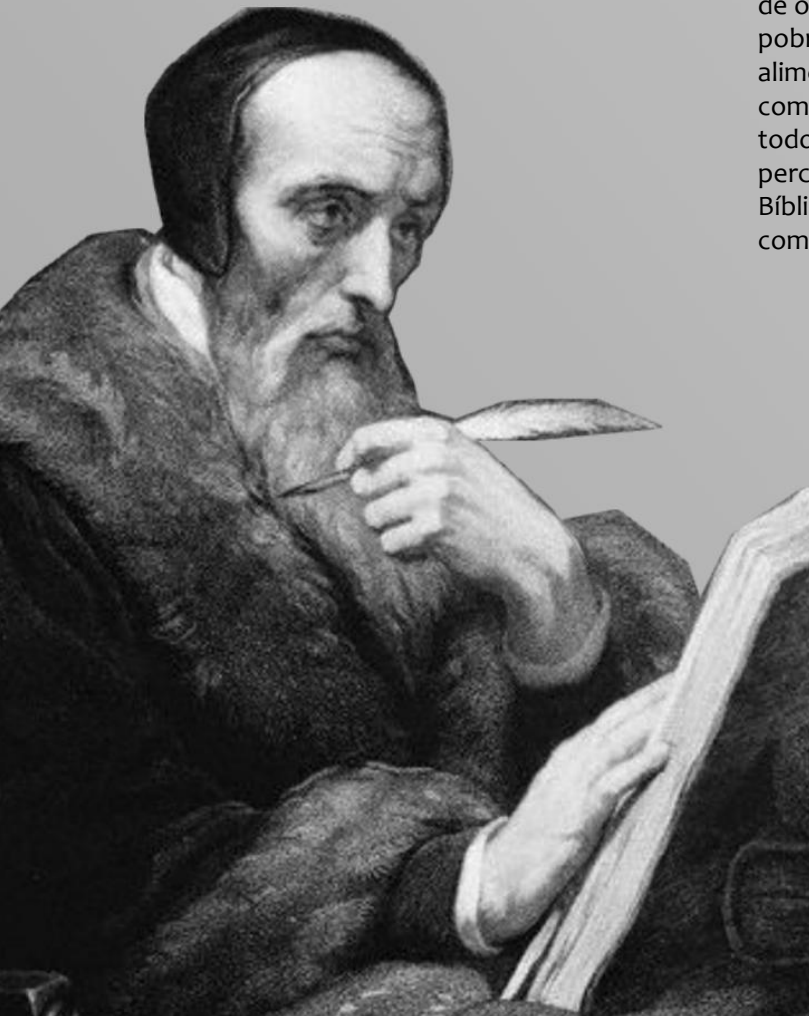
Calvino

João Calvino foi um teólogo francês, que aderiu à reforma e se refugiou em Genebra na Suíça, devido a perseguições que a França impôs aos protestantes. Dentre os reformadores, foi o mais

produtivo. Além da sua principal e mais conhecida obra *A Instituição da Religião Cristã*, com 80 capítulos divididos em quatro volumes, escreveu comentários de quase todos os livros da Bíblia, quatro mil cartas aproximadamente, milhares de sermões e diversos tratados teológicos. Certamente foi o teólogo do século XVI que mais se dedicou à questão social e suas implicações. A ideia de que Calvino seja o pai do capitalismo surge de uma identificação equivocada do puritanismo do século XVIII (este sim, contribuiu muito para o desenvolvimento do capitalismo) com o pensamento de Calvino.

Genebra

A Europa na época de Calvino estava na transição entre o feudalismo e o capitalismo e passava por dificuldades socioeconômicas relacionadas a guerras, epidemias, altos impostos, baixos salários, escassez de alimentos, etc. Genebra, particularmente, recebia continuamente centenas de refugiados que fugiam da intolerância religiosa de outras partes da Europa, a maioria chegando em pobreza extrema, necessitando abrigo, trabalho e alimento. Por ser um teólogo que se preocupava com o que a Palavra de Deus tinha a dizer sobre todos os aspectos da vida e da sociedade, Calvino percebeu que o tema social era muito frequente na Bíblia. Assim, a transformação da sociedade devia começar pela Igreja.



“A Genebra nos tempos de Calvino deu assistência aos pobres, órfãos, doentes, idosos e imigrantes”

A Igreja

A Igreja, para Calvino, deveria exercer uma tríplice missão no mundo, que envolve os seguintes aspectos: pedagógico, político e social. O aspecto pedagógico aponta para a necessidade da Igreja fazer instrução pública e particular acerca da temática social, seja através de sermões, escritos e denúncias proféticas. Um tema muito abordado por Calvino é a relação entre ricos e pobres. Para ele, a comunhão espiritual que Cristo estabelece entre os membros do seu corpo, conduz a comunicação mútua de seus bens. Abaixo, algumas citações do reformador:

“Deus mistura os ricos e os pobres para que eles possam encontrar-se e ter comunhão uns com os outros, de modo que os pobres recebam e os ricos repartam”.

“A vontade de Deus é que haja tal analogia e igualdade entre nós, que cada um socorra os indigentes na medida de suas possibilidades, a fim de que alguns não sofram necessidades enquanto outros têm em supérflua abundância.”

Em seu ministério pastoral, Calvino defendia a necessidade de haver um dia na semana para descanso para o trabalhador, denunciava a cobrança de juros abusivos por parte de agiotas e o desemprego causado pela ganância dos ricos. Para ele, promover o desemprego é pecar contra Deus, pois trabalho é dom de Deus, e um dever que ele ordenou ao homem. Calvino e os pastores de Genebra tiveram vários atritos com os políticos genebrinos, de modo que em 1538, Calvino, Guilherme Farel e Courault, foram expulsos de Genebra por relacionarem política com religião. Calvino retorna em 1541.

Quanto ao aspecto político da missão da Igreja, precisamos ter em mente que no século XVI havia profunda ligação entre Igreja e Estado. A Igreja deve orar pelas autoridades, mas também adverti-las sobre as suas responsabilidades, defender os pobres e oprimidos, e denunciar as injustiças sociais.

Por fim, o aspecto social da missão da Igreja consiste no socorro direto aos necessitados, e isso ela faz através do diaconato.

Considerações Finais

A Genebra nos tempos de Calvino deu assistência aos pobres, órfãos, doentes, idosos e imigrantes, a partir da criação do Hospital Geral em 1535, introdução de novas técnicas de produção, criação do Fundo Frances, destinado aos imigrantes franceses pobres, e controle de preços para alimentos de primeira necessidade: pão, vinho e carne. Certamente, as ideias do reformador contribuíram muito para isto. Para Calvino, a vida material e a espiritual não podem ser separadas.

A tríplice missão da Igreja, conforme definida por Calvino, deixa claro que a Igreja tem um papel fundamental na transformação da sociedade, e isto envolve um aspecto pedagógico, político e social, de modo a ser impossível pensar, a partir da perspectiva calviniana, uma Igreja que não seja comprometida com as questões políticas e sociais do seu tempo.

Indicações de leitura:

Almeida, Joãozinho Thomaz. *Calvino e sua herança*. Vitória: [s.n.], 2009.

Dias, Zwínglio M. *O Calvino desconhecido... (Alguns apontamentos sobre João Calvino antes do Calvinismo)*. Tempo e Presença digital. Ano 4. n. 17. Outubro de 2009.

Biéler, André. *O humanismo social de Calvino*. Pendão Real, 2009.

Matos, Alderi Souza de. *Calvino, o diaconato e a responsabilidade social*. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/históriadaigreja/pagina.php?id=304>>.

Rodriguez, Rubén Rosário. *Calvino ou o Calvinismo: reivindicando a tradição reformada para a América Latina*. Em: Faria, Eduardo Galasso. *João Calvino e o Calvinismo*. São Paulo: Pendão Real, 2013.

Guilherme de Freitas Silva é seminarista da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, acadêmico de Teologia na Faculdade Unida de Vitória e psicólogo pela PUC Minas.

RICHARD SHAULL: por um avivamento da memória

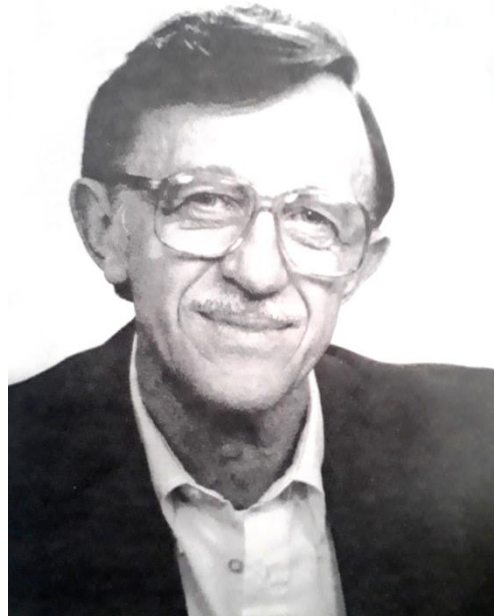
“Quero trazer a memória o que nos dá esperança...” (Lm 3:21)

A contribuição do missionário Richard Shaull no campo da reflexão teológica na América Latina e no Brasil é de extrema relevância para nossa contemporaneidade. Desta maneira, no ano em que faria cem anos, **o que de fato é importante lembrar para avançar diante dos desafios que cercam as comunidades religiosas contemporâneas?**

É importante salientar que a memória é um construto social e histórico feito por muitas disputas e interesses. O que é lembrado? O que é esquecido? Seguindo os passos de Ecléa Bosi: “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54). E ainda:

... na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e do outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Assim sendo, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva e a arte de lembrar é engajar uma imagem a outra. Assim sendo, é possível sinalizar imagens na socialização de Shaull no campo da educação, da família, da igreja e do trabalho desenvolvido na fazenda junto ao seu pai e mãe. Sendo assim, em uma família com os valores cristãos, a figura de Jesus de Nazaré desafiava-o bastante.



Shaull teve formação tanto em teologia quanto em sociologia, isto é, o que e como leu, os professores e a experiência missionária na América Latina (Colômbia e Brasil) fariam dele uma espécie de precursor do que mais tarde foi chamado de Teologia da Libertação.

De fato, a estratégia metodológica de Shaull era criação de pequenos grupos com intuito de; orar, estudar e agir. Em meio a processos de desigualdades sociais tanto na Colômbia e posteriormente no Brasil, ele problematizava: “qual a nossa responsabilidade como testemunhas da vida e ensinamentos de Jesus no meio de tudo isso?” (SHAULL, 2003, p. 45). Poderá o cristão se conformar com tanta injustiça social?

Para ele, o cristão deveria ir nas “asas do furacão”, ou seja, onde a vida efetivamente estava sendo ameaçada, logo, com forte influência da Bíblia (como cristão reformado) não abria mão dos profetas e da força desafiadora dos evangelhos. Tudo isso atrelado ao estudo das relações sociais e dos processos políticos e econômicos que causavam desigualdade social, propôs, às suas ovelhas nas comunidades e depois aos seminaristas, um jeito novo de pensar a relação *Igreja e Sociedade*.

Na sua forma de pensar a espiritualidade a tríade orar, estudar e agir eram realidades importantes para a tarefa missionária. Ele rompe com o

paradigma hegemônico dos missionários que vinham impor um jeito “americanizado de ser” em tom de protestantismo e ou modernidade civilizacional. Aqui, na América Latina, ele desenvolve a capacidade de escutar e de encorajar seus estudantes a descobrirem seus próprios caminhos no que se refere a produção teológica e ações pastorais.

De fato, há uma preocupação em conhecer as “brasilidades” através de sua produção literária, mas, também, através de vivências com o outro empaticamente. Shaull convida para uma proposta emancipadora que seja capaz de produzir vida e justiça social.

Na realidade, o convite era extremamente radical, pois, se tratava de uma conversão que rompia com o imaginário de um Deus “preso” nos muros da igreja e convidava os pastores a pensar Deus no chão das fábricas, no meio dos operários e lavradores, nas ruas e praças da cidade, assim: “você procuram Deus onde todas as coisas estão calmas, não? Eu sugiro uma outra busca: que se procure Deus nas asas do furacão” (SHAULL, 1985, p. 22).

Suspeito que este processo de avivamento da memória deva resgatar figuras como Shaull e também a escola feita por ele, ou seja, nomes como: Rubem Alves, João Dias de Araújo, Jovelino Ramos, Celso Loula, Áureo Bispo dos Santos, Claude Labrunie, Joaquim Beato, Edir Cardoso, Rubens Bueno, Josué Mello, Waldo César, Paulo Wright e outros que atuaram futuramente no campo da religião, da educação e da política, pois: “o chamado cristão era acompanhar a ação de Deus nas fronteiras de mudanças” (SHAULL, 2003, p. 154).

Com efeito, é importante que a nova geração de lideranças tenha acesso a todas essas narrativas, pois, como sinaliza o sociólogo Renato Ortiz:

As recordações não são nunca límpidas, cristalinas, elas repousam no fundo de uma tela recoberta por camadas superpostas de tinta. Diz-se que o pentimento de um quadro é o vestígio de uma composição anterior, as mudanças feitas pelo pintor, seu arrependimento, encobrem os passos do desenho original. A trilha de seu passado somente é revelada através de uma cuidadosa recuperação arqueológica. Revelar o pentimento da memória é uma tarefa delicada, é preciso cuidadosamente raspar a superfície visível de sua expressão,

as marcas que encontramos, ocultas à primeira vista, testemunham uma intenção apagada pelo tempo. (ORTIZ, 2010, p.7)

Eles fizeram quadros processualmente complexos cheios de vida e beleza. É preciso valorizar e conhecer essas obras. Todavia, parte destes camaradas cansaram, adoeceram, morreram...ensinaram suas técnicas? Sim e não! Há quem queira pintar novos quadros? Honestamente, espero que sim. Porém, não é preciso reproduzir, uma vez que, estamos imersos em outro contexto. Há perguntas semelhantes e outras novas que desafiam a relação entre a Igreja e a Sociedade. Como sugere Belchior: “o novo sempre vem”.

É preciso ter cuidado com uma questão, a saber: a participação do cristão e da cristã na política, pois, Shaull falava de um envolvimento crítico, ético, libertário que garantisse a diversidade humana e seus direitos sociais. Daí o que se tornou a “Bancada da Bíblia” com interesses escusos através do “voto de cajado” que em seu bojo querem criar uma espécie de teocracia não respeitando a laicidade do Estado, em nada combina com a proposta de Shaull.

Que estou fazendo se sou cristão? Irei nas “asas do furacão”? Serei “surpreendido pela Graça”? Ouvirei a voz do Senhor? Bem, faz um tempo que escolhi caminhar nas fronteiras e lá há muita dúvida, medo, insegurança e complexidade, todavia, há também esperança, beleza, companheirismo, solidariedade, encanto e utopia. Há uma voz polifônica e dialógica que diz: não temas! Estou contigo! Vamos lá fazer o que será...

REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- FARIA, Eduardo Galasso. *Fé e compromisso: Richard Shaull e a teologia no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2002.
- ORTIZ, Renato. *Trajetos e Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- SHAULL, Richard. *De dentro do furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação*. São Paulo: Editora Sagarana, 1985.
- _____. *Surpreendido pela Graça. Memórias de um Teólogo: Estados Unidos, América Latina, Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Cláudio Márcio Rebouças da Silva é mestre em Ciências Sociais pela UFRB, reverendo da Igreja Presbiteriana Unida de Muritiba (cidade serrana do Recôncavo da Bahia) e moderador do Presbitério do Salvador.

ENTREVISTA



A CESE é um organismo ecumênico criado para servir organizações populares e movimentos sociais na perspectiva da defesa de direitos e construção de uma sociedade justa, democrática e sustentável. Para conhecer mais sobre este organismo, entrevistamos José Augusto Amorim C. Jr., mais conhecido como Júnior Amorim, primeiro secretário da diretoria institucional da CESE.

REFORMATA: O que é a CESE?

A CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço – é uma organização não governamental, em termos de campo religioso é um organismo ecumênico criado por igrejas com o apoio do CMI-Conselho Mundial de Igrejas - para ser um serviço das igrejas às organizações populares e movimentos sociais na perspectiva da defesa de direitos e construção de uma sociedade justa, democrática e sustentável. Portanto é uma atuação que não se confunde nem com assistencialismo, nem com proselitismo. Importante lembrar que a CESE foi criada em 1973, no contexto sombrio da ditadura militar, com sua sede em Salvador-BA, e se propunha a seguir na contramão daquela realidade de autoritarismo, desigualdade social, violência e censura. É um dos frutos mais fecundos do chamado protestantismo ecumênico progressista, um ramo minoritário do protestantismo brasileiro que busca atrelar a compreensão e vivência da fé cristã com o empenho por justiça social. Esta vertente protestante terminou encontrando caminhos de cooperação ecumênica com setores da Igreja Católica (Apostólica Romana) ligados às influências do Concílio Vaticano II. Desde o início da CESE, por exemplo, a Igreja Católica é representada através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Ao longo destes 45 anos de existência, a CESE tem conseguido ser coerente com sua proposta inicial e também criativa face às mudanças na dinâmica de apoios das Agências Internacionais e dos desafios atuais da realidade brasileira. Isto se concretiza tanto no apoio a

pequenos projetos, mais de 11 mil ao longo de sua história, como no trabalho de articulação entre movimentos sociais, fóruns ecumênicos, Igrejas e formação de lideranças. A gama de grupos populares alcançados pelo trabalho da CESE é muito diversa: movimentos de mulheres, movimentos negros, comunidades quilombolas, povos indígenas, movimentos de trabalhadores do campo e da cidade, movimentos de juventude e outros. Hoje a CESE é formada pela Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Episcopal Anglicana, Aliança de Batistas do Brasil e, como disse anteriormente, Igreja Católica Apostólica Romana (CNBB).

REFORMATA: Como você conheceu a CESE e como foi seu percurso dentro da CESE?

Conheci a CESE na caminhada da Igreja Presbiteriana Unida de Itapagipe, na qual sou presbítero, e do Presbitério Salvador (PSVD), ao qual a IPU de Itapagipe está vinculada. Nos meus tempos de juventude, o Rev. Áureo Bispo dos Santos abriu os horizontes do nosso grupo para uma leitura libertadora e engajada do Evangelho encarnado por Jesus, para a origem da IPU e sua vocação diaconal, profética e ecumênica, para a teologia e testemunho de Richard Shaull, do Rev. João Dias de Araújo, o legado do Rev. Jaime Wright, inclusive sua parceria com Dom Paulo Evaristo Arns no projeto Brasil Nunca Mais, um marco no ecumenismo brasileiro em sua relação com a defesa dos direitos humanos. Toda esta história vez por outra desembocava na CESE. No Presbitério de Salvador, Rev. João Dias era um “farol” também que nos ajudava a enxergar estas relações. Outros pastores do PSVD também participaram ativamente da história da CESE, como os reverendos Celso Dourado e Josué Melo. Lembro-me que nos tempos da Federação de Jovens do PSVD, nos anos 90, enviamos um projeto à CESE para conseguir recursos para realizar um encontro em Sítio do Mato no qual o tema seria voltado para o ecumenismo. O projeto foi aprovado e interessante que uma das palestrantes foi a Reverenda Sônia Mota (pastora da IPU), que hoje é Diretora Executiva da CESE. De lá para cá, acompanhei a trajetória da CESE, algumas atividades e os vários posicionamentos desafiadores para as Igrejas e sociedade de um modo geral. Dentro da CESE, minha caminhada é bem recente. Participei da sua Assembleia Geral no ano passado como representante da IPU, nesta Assembleia foi eleita a nova diretoria institucional da qual faço parte como Primeiro Secretário. A diretoria institucional é formada por

representantes das Igrejas que compõem a CESE eleita a nova diretoria institucional, dialoga-coopera com a diretoria executiva, responsável pelo funcionamento da CESE. Neste curto espaço de tempo, pude perceber bem melhor a relevância, transparência e excelência do trabalho da CESE, que conta com uma equipe extremamente qualificada, criativa e comprometida com a missão daquela instituição. Em tempos de retrocessos, ali está uma voz muito lúcida em defesa da democracia, dos direitos do povo brasileiro, da vida.

REFORMATA: A CESE também promove momentos litúrgicos para além da Diaconia, do Serviço?

Sim, em conjunto com as igrejas que participam do Movimento Ecumênico tanto no âmbito local como nacional. Além disso, a CESE tem coordenado pelo FEACT as Missões Ecumênicas cujo objetivo é levar apoio e fazer denúncias junto a povos e comunidades em grave situação de violação como foi o caso dos Guarany Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, e da Chacina dos Sem Terra em Pau d'Arco-PA. Estas Missões são marcadas por denúncias e atos públicos junto a Assembleias Legislativas, junto ao Ministério Público como também momentos de celebrações litúrgicas para alimentar a resistência e a esperança.

REFORMATA: Qual o papel do ecumenismo na ação social da igreja?

Penso que o ecumenismo, pela própria origem da palavra que quer dizer “casa habitada”, nos ajuda a priorizar o essencial: a vida na Terra, nossa Casa Comum. Se Jesus veio trazer vida em abundância, vida plena, não há como segui-lo de modo autêntico sem um compromisso com a defesa da vida, principalmente onde ela é mais ameaçada, na defesa dos direitos humanos, defesa dos ecossistemas. Isto é mais importante que a autopreservação ou crescimento numérico de uma denominação cristã. Por outro lado, o ecumenismo é caminho de unidade na diversidade, ou de diversidade reconciliada, portanto convida à cooperação, à solidariedade das Igrejas na defesa do ser humano, sem acepção de pessoas, tal qual o Espírito Santo no livro de Atos, o que passa pelo cuidado-restauração da natureza, que sofre dores de parto. Num mundo extremamente dividido e competitivo, a Igreja tem esta vocação e desafio de fazer esta passagem, esta páscoa, do “conflito à comunhão” (lembrando as reflexões dos 500 anos da Reforma), é um testemunho também à sociedade, é ser instrumento de reconciliação nas

mãos de Deus. Diante dos gigantescos e diversos problemas do mundo contemporâneo, isoladamente ou com espírito de rivalidade ou animosidade não haverá saída. Neste sentido, o ecumenismo tem um papel extremamente importante na ação social da Igreja, que prefiro chamar de diaconia, tanto no que diz respeito à motivação quanto às possibilidades de parceria e objetivos.

REFORMATA: Como você enquanto presbítero, secretário da CESE e futuro pastor presbiteriano unido entende a Ação Social da Igreja?

Entendo como Diaconia, como serviço. Considerando que Jesus ensinava com palavras e ações que não veio para ser servido, mas para servir, que sua vida toda foi feita de serviço, curando, ensinando, partilhando, libertando, dando a própria vida em fidelidade ao Reino de Deus, no qual maior é aquele que serve, considerando que ele se esvaziou e assumiu a condição de servo, como bem colocou Paulo, seguir a Jesus passa necessariamente pelo servir. A Diaconia é parte central da missão da Igreja e do cristão (ã). Prefiro chamar a Ação Social da Igreja de Diaconia, porque, a meu ver, o termo Diaconia aponta para o fato de que a Ação Social na Igreja não está isolada da espiritualidade e da dimensão teológica. Ela deve ser fruto de uma espiritualidade diaconal, enraizada em Jesus, no sopro do Espírito, expressão da Palavra do Pai. Está ligada ao exercício da voz profética, da denúncia das injustiças, do anúncio de alternativas, do caminhar em “esperança solidária”, lembrando os versos da Simei Monteiro. E é uma ação que precisa dialogar com a reflexão teológica para um enriquecimento mútuo. Para não cair num ativismo seco, automático, para não se perder no assistencialismo, para não perder de vista a necessária contextualização do que se faz, perceber as relações entre o local e o global, as dinâmicas da sociedade em que se vive. E, principalmente, não perder a dimensão do afeto, que é imprescindível no seguimento de Jesus.

REFORMATA: A CESE é uma organização de esquerda?

Esta pergunta dá bastante pano para manga! (rs) Primeiro que no Brasil hoje é necessário um esforço gigantesco para superar estereótipos grosseiros, estigmas, estas polarizações que muitas vezes quase inviabilizam um diálogo saudável, respeitoso sobre os posicionamentos políticos presentes no país. É preciso compreender melhor a história do que se convencionou chamar de direita, centro, esquerda, entender o que cada campo propõe para

o país, entender a pluralidade que há em cada campo, suas características, contradições, complexidades. Historicamente, em termos bem resumidos, a direita é vinculada ou constituída pelas ideias e interesses do grande empresariado (incluindo as grandes empresas de comunicação), latifundiários, bancos, de uma mentalidade herdeira do viés dos colonizadores, uma afinidade com os impérios de ontem e de hoje, uma defesa da lógica de mercado, enfim a ótica dos economicamente “de cima”, para lembrar uma expressão que o Milton Santos gostava de usar. Já a esquerda nasce e se desenvolve entre os economicamente “de baixo”, trabalhadores do campo e da cidade, movimentos negros, indígenas, de mulheres, grupos que vislumbram descolonizar o país, que sofrem na pele as consequências, muitas vezes violentas, das desigualdades e buscam construir alternativas cidadãs. Por outro lado, há toda uma diversidade na direita e na esquerda. Há matizes. Pode-se dizer, por exemplo, que na última eleição até a direita foi derrotada pela extrema direita. Ou que há esquerdas, desde os setores mais institucionalizados, os partidos, por exemplo, aos setores com traços de movimento. A CESE desde o início tem um compromisso com a defesa de direitos, sobretudo entre aqueles (as) em que estes direitos são mais negados. Há um sentido de solidariedade com as lutas dos excluídos, marginalizados, explorados, com vistas à superação das desigualdades e violências ligadas a classe social, raça, gênero. As raízes mais profundas deste posicionamento são anteriores à própria esquerda, são bíblicas. No contexto bíblico, Deus vê a miséria de um povo escravizado, age na história para libertar este povo de poderes imperiais, faz aliança com os “de baixo” e os chama para uma vida de justiça e fraternidade. Os profetas denunciam as injustiças e maldades de reis e impérios, “os de cima”, e anunciam outras ordens possíveis, “novos céus, nova terra”, onde órfãos, viúvas, estrangeiros, pobres, “os debaixo”, poderiam viver numa situação justa e pacífica. Jesus se aproximou e cuidou dos pequeninos, chegou a dizer, conforme Mateus 25, que o que for feito aos famintos, sedentos, desabrigados, doentes, presos, é a ele que fazemos, num trecho extremamente instigante em que a vida aqui é

relacionada com a vida eterna. Mais recentemente, anos 50-60, a Teologia do Evangelho Social, a Teologia da Libertação ajudaram a resgatar estas dimensões muitas vezes esquecidas ou negadas no cristianismo ao longo de sua história por conta da identificação com o modo de ser dos impérios, dos poderes hegemônicos. Então, pode-se dizer que há afinidades eletivas da CESE com setores populares e movimentos das esquerdas, convergências que acontecem com criticidade, diálogos, aprendizados mútuos e, principalmente, compromisso com a promoção de vida digna para todos (as). Através de uma maior aproximação da CESE é possível perceber com muita clareza o quanto os discursos de criminalização das esquerdas é algo simplista, estereotipado, interessado e maldoso.

Reformatata: Para você deve haver diferença entre Igreja e ONG?

Sim, assim como a Igreja não deve ser confundida com uma empresa, o que é pior, se considerarmos empresas com fins lucrativos, pensá-la como Ong implica negligenciar aspectos imprescindíveis de seu modo de ser e missão. A diaconia (refiro-me também à ação social), a voz profética, não substituem ou devem suprimir a proclamação da Palavra, o cuidado com a comunhão, o celebrar (a liturgia), o ensino-aprendizado bíblico-teológico. A Igreja é comunidade de fé em Jesus que engloba tudo isso. A Igreja como Ong remete a um dos polos daquela dicotomia evangelizar x humanizar. Como se humanizar bastasse. No outro polo, evangelizar, no sentido de comunicar verbalmente o evangelho bastaria. Aprecio a lição do saudoso Rev. João Dias, coerente com o Evangelho, de que o desafio é evangelizar humanizando e humanizar evangelizando. E acrescentaria, celebrando, vivenciando a comensalidade, partilhando pão e poesia, com orações, risos e também lágrimas, com simplicidade, por aí. E tendo o Reino de Deus, mais uma vez Simei, como horizonte de vida!

José Augusto Amorim C. Jr. é licenciado ao ministério pastoral pelo Presbitério de Salvador (IPU), membro da Diretoria Institucional da CESE, músico e bacharel em Comunicação pela UFBA.

REFORMATA é uma publicação independente feita com poucos recursos. Se você curtiu este exemplar e quer que o nosso trabalho continue, nos ajude na vaquinha!
Entre em contato pelo e-mail: reformatata@outlook.com